

REFLEXÕES ACERCA DO ENSINO E APRENDIZAGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA, GÊNEROS ORAIS NA ESCOLA E SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Autora: Fernanda Cristina Agra Borborema

Co-autora: Viviane Sulpino da Silva

Prefeitura Municipal de Campina Grande -fernandaborborema@hotmail.com

Prefeitura Municipal de Campina Grande-viviane-sulpino@hotmail.com

Resumo

Este trabalho tem como finalidade promover reflexões acerca do ensino da Língua Portuguesa, da relevância dos gêneros orais na sala de aula e a utilização de uma sequência didática como proposta didática envolvendo o gênero debate. O artigo também favorece discussões e questionamentos sobre a importância do professor planejar ações para o desenvolvimento de gêneros orais, criando contextos de produção específicos, desse modo, o aluno aprende a usar a língua oral de acordo com as características dos interlocutores e seu determinado lugar. O referencial teórico-metodológico traz contribuições de Marcuschi (2008), PCN (1997), Schneuwly e Dolz (2004), Traváglia (2009), entre outros. A pesquisa se caracteriza de natureza qualitativa, será realizada em uma escola pública na cidade de Campina Grande, na turma do 9º ano, disciplina de Língua Portuguesa. A proposta tem como referência uma sequência didática realizada com o gênero oral debate durante dez dias. Os estudos acerca dos teóricos referenciados nesse trabalho, nos faz refletir sobre a necessidade dos docentes promoverem ações pedagógicas, onde os alunos possam refletir, exercitar e aprender a usar a fala adequadamente, de acordo com as necessidades do seu uso. O trabalho com os gêneros discursivos proporcionam o contato mais real com a linguagem, dando oportunidade de participarem efetivamente de diversas práticas sociais, fazendo uso de outra variedade oral da língua, que não seja a utilizada no seu cotidiano.

Palavras-chave: Gênero oral, debate, sequência didática.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Introdução

Infelizmente na maioria das escolas, os gêneros orais não são devidamente explorados tendo em vista que a maioria dos docentes privilegia nos espaços da sala de aula a gêneros escritos. A concepção dos docentes é que todos os alunos já dominam a linguagem oral, desse modo, não haveria necessidade de ser ensinada, a variedade linguística é vista de forma preconceituosa, evidenciando nas atividades propostas a ideia de uma língua homogênea, padronizada. Para Bakhtin (1997), nós não conhecemos a língua materna através de dicionários ou manuais de gramática, aprendemos através de enunciados concretos, produzidos através dos meios sociais que nos cercam. Nesse sentido, a língua falada é essencial para a organização das ideias e formulação da produção de textos em circulação. Na nossa cultura, a escrita por tem mais prestígio social, é mais valorizada, no entanto não deve haver uma necessidade de priorizar a escrita em detrimento da fala. Marcuschi (2008, p.37), defende a hipótese que as diferenças entre a fala e a escrita se dão dentro de um continuum tipológico das práticas sociais de produção textual e não na relação dicotômica de dois polos opostos.

Os professores comungam a idéia de que trabalhar a oralidade corresponde a um simples exercício da fala, exemplificando na forma de diálogo ou exposição espontânea. Convém explicitarmos que o fato de os alunos interagirem como falantes naturais não lhes garante uma eficiência nas produções orais, pois assim como os textos escritos, os textos falados de domínio público também são orientados por convenções formais da língua, cabendo à escola, portanto, o papel de ensiná-los. (RIBEIRO,2009, p.19).

A oralidade no âmbito escolar é vista como meio de comunicação e não com objeto de ensino. Os gêneros orais devem fazer parte do currículo da escola, pois desenvolvem as competências linguísticas, o aluno precisa compreender que a fala, em diversos contextos, precisa ser planejada, articulada e que em algumas situações sua fala cotidianas precisam ser modificadas. Quando ocorre um planejamento para o desenvolvimento de gêneros orais, criando contextos de produção específicos, o aluno aprende a usar a língua oral de acordo com as características dos interlocutores e seu determinado lugar.

De acordo com Silva apud Pereira (2010), para um trabalho eficaz com gêneros orais discursivos é fundamental organizar o planejamento, pensando na finalidade, nos participantes, nas condições de produção, as características linguísticas discursivas e os resultados a partir da sua



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

efetivação. Ao desenvolvermos uma proposta de trabalho com gêneros orais, ratificamos sua importância para o desenvolvimento de diversas competências linguísticas, não estamos querendo impor a primazia do texto oral em detrimento das produções escritas, pois acreditamos que exista um contínuum entre as produções orais e escritas.

O aspecto central nessa questão é a impossibilidade de situar a oralidade e a escrita em sistemas linguísticos diversos, de modo que ambas fazem parte do mesmo sistema da língua. São realizações de uma gramática única, mas do ponto de vista semiológico, podem ter peculiaridades com diferenças bem acentuadas, de tal modo que a escrita não representa a fala. Portanto não postulamos uma simetria de representação entre fala e escrita, mas uma relação sistêmica no aspecto central das articulações estritamente linguísticas. (MARCUSCHI, 2008, p.191).

É prática comum ainda constatar uma grande quantidade de docentes que fazem o uso da gramática na sua ação docente de forma isolada e descontextualizada dos usos sociais da escrita dos alunos. Podemos dizer que esses professores utilizam nas suas práticas de ensino, o que aprenderam sobre o ensino de gramática na sua formação docente, certamente se apropriaram dos estudos teóricos aqui representados pelos chamados estruturalistas e generativistas (Saussure, Chomsky), estes por sua vez, compreendem o ensino da língua materna, priorizando sua estrutura, entendem a língua como sistema autônomo, que não tem influência externa.

Em oposição às teorias estruturalistas, os linguistas e psicolinguistas conhecidos como funcionalistas e pós- estruturalistas, tendem a dar prioridade à língua falada e à maneira como ela se manifesta em determinada época. Seu foco de análise é a função desempenhada pela forma linguística no contexto de uso, onde inclui não apenas a escrita, mas a fala. A língua é entendida como prática social. “O trabalho com a análise e reflexão sobre a língua, tem o objetivo de melhorar a capacidade de compreender a expressão dos alunos em situação de comunicação tanto escrita como oral”. (PCN, 1997, p.78).

Uma outra questão relevante que ocorre constantemente nas práticas de ensino na língua materna, se deve ao fato do professor priorizar os gêneros escritos em detrimento dos gêneros orais/discursivos, dando ênfase nas atividades de escrita. Para Marcuschi (2008, p.28) “A perspectiva da dicotomia estrita tem o inconveniente de considerar a fala como lugar do erro e do caos gramatical, tomando a escrita como lugar da norma e do bom uso da língua. Seguramente,



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

trata-se de uma visão a ser rejeitada”. Nesse sentido, se faz necessário oportunizar nas salas de aula diversos gêneros orais e escritos de forma planejada.

Para isso, é necessário diversificar as situações propostas em relação ao tipo de assunto como em relação aos aspectos formais e ao tipo de atividade que demandam- fala, escuta e/ ou reflexão sobre a língua. Supõe também um profundo respeito pelas formas de expressão oral trazidas pelos alunos, de suas comunidades, e um grande empenho por ensinar-lhes o exercício de adequação aos contextos comunicativos, diante de diferentes interlocutores, a partir de intenções de natureza diversa. É fundamental que essa tarefa didática se organize de tal maneira que os alunos transitem da situações mais formais e coloquiais que já dominam, a outras mais estruturadas e formais, para que possam conhecer seus modos de funcionamento e aprender a utilizá-las.(PCN, 1997, p.49-50).

Estamos constantemente usando estratégias discursivas para convencer alguém acerca de alguma coisa ou a fazer algo. No entanto, para conseguirmos, precisamos desenvolver a capacidade de ouvir os argumentos dos outros e a justificar melhor os nossos, afinal ter o poder de convencimento não é fácil, isso reforça a importância desse trabalho com gênero oral debate. Acreditamos que ao desenvolver as habilidades argumentativas, favoreceremos a construção de uma formação ética e cidadã, o pensamento crítico e sua autonomia para inserção nos diversos contextos sociais. Reconhecemos também a importância de desenvolver ações pedagógicas envolvendo o gênero oral debate, por acreditar que esses domínios discursivos formais, possibilitará uma maior apropriação na produção dos seus textos orais e escritos, principalmente nos textos que exigem capacidades argumentativas.

Instrumentalizar o aluno com elementos linguísticos que traduzem bem a força argumentativa através de modalizadores é uma estratégia que favorece novas construções sintáticas e semânticas, deixando à disposição do educando novas possibilidades e formas de produzir textos, orais ou escritos, consciente de seu uso e do efeito que causa sobre seu público. (SILVA apud PEREIRA 2010, p. 136-137) .

A escolha desse gênero oral/ discursivo tem como objetivo desenvolver habilidades orais e argumentativas, se posicionar de forma fundamentada. A escolha também teve como propósito, aprender a respeitar as opiniões e decisões das pessoas, não pretendermos aqui, chegar a um consenso sobre as verdades absolutas dessa questão, quem está certo ou quem está errado. No entanto, pretendemos através do desenvolvimento de uma sequência didática, desenvolver as competências linguísticas, argumentativas que os jovens através das discussões e debates ocorridos no espaço da sala de aula, aprendam a respeitar as opiniões, cultivando a tolerância e sabendo justificar seu ponto de vista nas diversas situações. Conforme Ribeiro (2009. p. 106) o debate,



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

enquanto gênero oral argumentativo, é marcado por uma linguagem persuasiva, onde os participantes confrontam suas opiniões de forma justificada, compreendem os mecanismos das trocas discursivas.

Metodologia

A pesquisa é de natureza qualitativa, pois nosso foco é a compreensão e interpretação dos significados apresentados e construídos pelos sujeitos da pesquisa e a análise das ações/inter-relações vivenciadas durante o processo de coleta e análise dos dados. Objetivamos nas discussões, ampliar os modos de planejar atividades para o ensino da geometria, convidando os professores para uma reflexão da sua prática docente. Para André (2008, p. 32), uma pesquisa-ação “envolve uma série de ações que devem ser planejadas e executadas pelos participantes e devem ser sistematicamente submetidas à observação, reflexão e mudança”.

Caracterizamos nossa pesquisa como qualitativa, trabalhando os dados numa perspectiva etnográfica, com observação intensiva, participativa e interpretativa dos eventos ocorridos no lócus da pesquisa e na análise das informações e ações apresentadas pelos sujeitos da pesquisa. Para Mattos (2011), o objetivo da Etnografia é observar os modos como as pessoas conduzem sua vida com o objetivo de revelar o significado cotidiano, nos quais as pessoas agem. O objetivo é documentar, monitorar, encontrar o significado da ação.

Seguiremos nesse trabalho, o modelo de sequência didática proposta pelos franceses: Joaquim Dolz, Michele Noverraz e Bernard Schneuwly. Segundo esses autores, a ideia central é de que devem criar situações reais em contextos que permitam reproduzir em grandes linhas e no detalhe a situação concreta da produção textual, oral ou escrita, incluindo a sua circulação. Para eles, sequência didática é “um conjunto de atividades escolares organizadas sistematicamente em torno de um determinado gênero oral ou escrito”(Dolz e Schneuwly, 2004, p. 14).

A pesquisa ocorrerá em uma turma do 9º ano, de uma escola pública localizada na cidade de Campina Grande. A sequência didática será utilizada durante dez dias, o gênero oral escolhido será o debate. Sequência Didática para o trabalho com o Gênero oral debate:



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

TEMA: Vocês concordam com a instalação de câmeras de segurança nas salas de aula, como estratégia para diminuição da violência escolar?

Turma: 9º ano do Ensino Fundamental

Tempo: 10 dias

Apresentação inicial: Iremos comunicar aos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, que nos próximos 10 dias estaremos organizando um debate na sala de aula, cujo tema será: Vocês concordam com a instalação de câmeras de segurança nas salas de aula como estratégia para diminuição da violência escolar? Nesse momento, iremos fazer uma enquete inicial, com o intuito de conhecer as opiniões pré-formadas, os diferentes pontos de vista, objetivando a separação dos grupos, entre os que são contra ou a favor dessa temática.

A primeira produção: Apresentação de um vídeo apresentando um debate, tendo como finalidade a apropriação das características principais desse gênero oral.

- Deixar claro que uma das regras principais dentro de um debate é o respeito ao outro debatedor. Deve-se escutar com respeito seus pontos de vista e apresentar os seus também de modo respeitoso para não ofender o outro. A oposição é de ideias, não de pessoas. Essa e as outras regras definidas no momento de preparação do debate devem ser rigorosamente seguidas.

Modularização 1: Esta primeira produção será destinada, a uma reflexão sobre o que entendem sobre o que seria violência no espaço escolar. Distribuição de fichas para responder individualmente. Para você o que é violência? Montagem de um painel expositivo com todas as respostas fixadas. Momento de reflexão, ampliando a formação de novas opiniões. Distribuição da letra da música: Violência (Titãs, em anexo). Após a audição, fazer uma reflexão acerca da letra, incentivando as produções discursivas orais e ampliando a visão sobre violência em diversos contextos e situações.

Modularização 2: Dividir a turma de acordo com sua posição diante da temática. Distribuição dos textos: Cresce vigilância eletrônica nas escolas Instalação de câmeras de monitoramento nas escolas divide opiniões da população e Escolas buscam remédio antiviolência. O objetivo da leitura destes



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

textos é fazer com que os alunos se instrumentalizem para argumentar com mais seguranças no momento do debate. Após a leitura dos textos cada grupo levantará questões para o dia do debate.

Modularização 3: Apresentação de um vídeo, do programa Horizonte e Debate, contendo uma mesa redonda, onde participa, psicóloga, diretora e professores, com o tema em discussão: Bullying e violência nas escolas. A necessidade de apresentar esse vídeo é para ampliar os conceitos sobre o que seria violência dentro das escolas. Solicitar que os grupos pesquisem material sobre o tema, para que na aula seguinte, possam ser levantadas algumas questões para o debate.

Modularização 4: Esta aula terá a finalidade de discutir acerca do gênero debate, abordando a construção composicional, o estilo, o conteúdo temático, a funcionalidade e intencionalidade, ou seja, os estudos formativos e educativos desse gênero. Neste momento, iremos delimitar regras para o nosso debate, algumas como: O professor será o mediador do debate. Cada grupo escolherá, dois debatedores, cada um terá 1 minuto para apresentação e dois minutos para a discussão das perguntas formuladas pelo oponente, os demais alunos farão parte da platéia. No final da apresentação a platéia formulará duas questões para cada participante. Formação dos grupos para que organizem o debate e utilizem o material da pesquisa para formulação das questões e argumentações de acordo com a sua posição em relação ao tema do debate, os alunos serão consultados a respeito da gravação do debate para posterior análise, caso concordem.

Modularização 5: Formação dos grupos, para que os alunos comecem a desenvolver sua argumentações e aprendam a se posicionarem, o mediador irá levar algumas questões para os debatedores:

- Porque precisamos de câmeras na escola?
- As câmeras de seguranças inibem a naturalidade dos alunos e professores?
- A instalação das câmeras ira resolver as questões da violência no espaço escolar?
- Elas tirarão a privacidade dos professores e alunos?
- A autonomia do professor diminue com as câmeras? Ele sentirá vigiado?
- É possível ensinar valores e atitudes através do medo da vigilância e das punições?



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Cada grupo irá formular outras questões para o debate que acontecerá na próxima aula.

Produção final: Organizar a sala para a realização do debate. Expor no quadro suas regras para sua realização.

Como sugestão de produção de um gênero textual escrito, poderíamos propor a cada grupo, uma produção escrita de um manifesto, para ser exposto na escola sobre a temática, onde cada grupo ou individualmente produza seu texto, de acordo com seu ponto de vista, fazendo as devidas argumentações.

Resultados e Discussão

Acreditamos que através do ensino dos gêneros discursivos orais, especificamente aqui, o debate regrado, das divergências dos pontos de vista, das argumentações, os alunos aprendam a organizar sua fala, opinar, expor, sugerir, tendo em vista as inúmeras dificuldades que encontram em determinadas práticas sociais, que exigem a fala formal, já que não conhecem outra variedade oral da língua que não a coloquial. Conforme Schneuwly E Dolz (2004, p.143), o trabalho com a oralidade deve levar os alunos das formas de produção oral auto-reguladas, cotidianas e imediatas a outras, mais definidas do exterior, mais formais e mediadas.

A escola precisa promover ações pedagógicas, onde os alunos possam refletir, exercitar e aprender a usar a fala adequadamente, de acordo com as necessidades do seu uso, o trabalho com os gêneros discursivos proporcionam o contato mais real com a linguagem, dando oportunidade de participarem efetivamente de diversas práticas sociais, fazendo uso de outra variedade oral da língua, que não seja a utilizada no seu cotidiana. Ao concordarmos que os gêneros orais devem ser objeto de ensino nas práticas educativas dos docentes, uma das formas eficientes de realizar esse trabalho é através de uma sequência didática.

A finalidade de trabalhar com sequências didáticas é proporcionar ao aluno um procedimento de realizar todas as tarefas e etapas para a produção de um gênero. De acordo com os autores, o esquema para o desenvolvimento de uma sequência didática seria:





II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

MÓDULO 3



PRODUÇÃO FINAL



A proposta de Schneuwly e Dolz (1996), através do uso e da produção e trabalho com gêneros textuais em espiral, onde o novo se edifica, transformando o que já existe. O indivíduo toma como base os conhecimentos já dominados para expandí-los e transformá-los.

A sequência didática se constitui em um importante dispositivo didático para alcançar um objetivo determinado, mobilizando uma ou mais capacidades dos alunos, o planejamento sistemático de procedimento/ atividades e possíveis estratégias de intervenção na realidade observada/vivida[...]. Uma sequência didática tem validade pedagógica, sobretudo pelo seu caráter globalizador e, ao contrário das atividades isoladas, desencadeia todo um processo de ensino-aprendizagem, no qual se entrecruzam elementos sociocognitivos do ensinar e do aprender. (RIBEIRO, 2009.p.60).

Conclusões

Compreendemos que o ensino da língua precisa ser redimensionado, favorecendo aos alunos um trabalho com gêneros orais/ discursivos, fazendo assim, ações sistemáticas com o ensino da oralidade, onde os alunos se apropriem não apenas dos gêneros escritos que circulam na sociedade, mas se instrumentalizem nas práticas discursivas orais. A língua é heterogênea, com inúmeras variações linguísticas, por isso, não deve ser concebida como um sistema único, padronizado e abstrato.

É preciso que o professor oportunize situações onde façam emergir uma pluralidade de leituras, suscitando questionamentos, problematizando outras verdades contidas no texto. Como afirma Orlandi (2009, p.15), por esse tipo de estudo se pode conhecer melhor aquilo que faz do homem um ser especial, com sua capacidade de significar e significar-se. Para essa abordagem, é necessária uma reflexão do fazer pedagógico, desmistificando e desconstruindo concepções reducionistas apresentadas nas ações pedagógicas do ensino da leitura, reconhecendo a importância da valorização dos aspectos discursivos envolvidos nos processos de leitura, sua relação com os diferentes textos e histórias de leitura. Logo, percebemos que precisamos valorizar e respeitar a



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

pluralidade existente nas salas de aula, oportunizar o aluno a ser o autor das suas próprias leituras, dando vozes a esses sujeitos através das produções dos seus discursos, ressignificando suas práticas sociais de acordo com sua construção social. Ao redimensionar as práticas dos docentes, daremos ênfase não apenas aos gêneros textuais escritos, mas, sobretudo, aos gêneros orais/ discursivos, por acreditarmos que as produções dos discursos desenvolvem as capacidades linguísticas/ discursivas do aluno, o trabalho sistemático com os gêneros orais promovem a autonomia, cidadania e o respeito às identidades culturais, tendo em vista que a fala precisa ser ensinada de acordo com a necessidade que demanda o contexto social.

Oportunamente, o trabalho envolvendo a sequência didática com o gênero oral debate, proporcionará um exercício real de cidadania que extrapola os muros da escola. Através dessa atividade, os alunos aprenderão a ouvir, opinar, sugerir, argumentar, refutar e justificar suas opiniões nas diversas situações comunicativas. Compreendemos que esse gênero oral, contribuirá para a qualidade das produções escritas, tomamos como exemplo, os gêneros textuais escritos, alguns como o artigo e o texto de opinião.

Referências Bibliográficas

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia na prática escolar**. 14 ed. Campinas: Papirus, 2008.

ARANHA, Simone Dália de Gusmão; PEREIRA, Tania Maria Augusto; ALMEIDA, Maria de Lourdes Leandro(org). **Gêneros e Linguagens: diálogos abertos**- João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina G. G. pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997

BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa – 3 ed.** – Brasília: A Secretaria, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 9. ed São Paulo: Cortez, 2008.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: Definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela P., MACHADO, Anna R, BEZERRA, Maria A. (ORG) Gêneros Textuais e Ensino, 2ª Ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Produção de texto, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola editorial, 2008.

MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães de. A abordagem etnográfica na investigação científica. IN: MATTOS, C. L. G e CASTRO, P. A. de (orgs). Etnografia e Educação: conceitos e usos. Campina Grande: EDUEPB, 2011, p. 49- 83.

ORLANDI, Eni. Análise do Discurso: princípios e procedimentos. 8. ed, Campinas, SP: Pontes, 2009.

SILVA, Joseli Maria. Gêneros orais na escola: é proibido fazer silêncio! IN: PEREIRA, Regina Celi Mendes (org). *Ações de linguagem: da formação continuada à sala de aula*. - João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010.

RANGEL, Helena Rodrigues. ROJO, Roxane. Língua Portuguesa: ensino fundamental. Brasília: Ministério da Educação, 2010. (Coleção Explorando o Ensino)

RIBEIRO, Roziane Marinho. A construção da argumentação oral em contextos de ensino. São Paulo: Cortez, 2009. (Coleção Linguagem & Língua).).

SCHNEUWLY, B. e DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Gramática e Interação: Uma proposta para o ensino da gramática. - 14 ed.-São Paulo: Cortez, 2009.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO